

**AS METAMORFOSES DO LATIM:  
DA «GINÁSTICA INTELECTUAL» AO «LATIM PARA RETARDADOS»**

*Cristina de Sousa Pimentel*  
*Ana Paula Patrão*  
*Abel Nascimento Pena\**

**L**onge vai o tempo em que falar e ensinar em Latim era prática corrente nas escolas. Era natural que o ensino se processasse na língua que enformara a cultura matriz da que estava viva. Como se fosse necessário, a partir de um dado momento, justificar o que por si mesmo se justificava, começaram os iluminados pedagogos a mostrar que o Latim desenvolvia as células cinzentas dos alunos, que era a matemática das letras, autêntica ginástica intelectual de que qualquer ser humano precisava como base da sua formação integral e harmoniosa.

Vieram então os tempos da adversidade. E, embora o discurso justificativo continuasse a ser o mesmo, a verdade é que, lenta mas drasticamente, as coordenadas pelas quais se regia o ensino do Latim se foram alterando. Quem foram os agentes dessa alteração com o repetido discurso em pano de fundo? A questão fica em suspenso. Antes de lhe respondermos, demos um salto ao reino do absurdo. É também uma ginástica mental, sobretudo saudável se nos ajudar a ver o que não é imediatamente claro.

---

\* Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ninguém parece ter dúvidas de que o Latim começa, nos nossos *currícula* (quando começa!) bastante tarde. Todos estamos de acordo em que a idade ideal para iniciar tal estudo se deveria situar entre os onze e os treze anos. Imaginemos por uns momentos que encontrávamos o Génio da lâmpada e, na condição de Aladino, reservávamos um dos nossos três desejos para a concretização desse sonho. Se tal acontecesse, julgamos que também ninguém discorda de que seria impensável dar aos alunos nos alvares da adolescência textos como as *Tusculanae Disputationes*, as *Naturales Quaestiones*, o *De Senectute* ou, por outras razões, a *Ars Amandi* de Ovídio ou a Sátira VI de Juvenal... Qualquer professor, por mais que fosse pedagogicamente impreparado, saberia de imediato recusar tais textos por serem inadequados ao desenvolvimento intelectual e afectivo dos alunos em tão tenra e controversa idade. A filosofia, a retórica ou os tortuosos caminhos do amor pecariam por excesso e não despertariam real e bem orientado interesse por parte dos alunos.

O paradoxo surge, então, gritante, quando, uma vez que não há lâmpada nem Génio que nos valha em instâncias ministeriais e os alunos começam a aprender Latim, na melhor das hipóteses, aos quinze anos, na maior parte dos casos já adultos com direito a voto, consideramos que podemos e devemos iniciá-los na língua e na civilização que queremos (ou dizemos querer) que amem tanto como nós por meio de frases e textos completamente inadequados ao desenvolvimento intelectual e afectivo que manifestam. Neste caso, obviamente, o erro é por defeito. Como se pode querer que jovens que dominam, na sua grande maioria, os meandros da informática, se entretenham meses a fio a passear com a *puella* no *hortus*, ou a ornamentar com rosas as estátuas das deusas? Como conseguiremos que os alunos se interessem pelo combate entre Heitor e Aquiles, as proezas de Agamémnon, a viagem acidentada de Ulisses, quando invejam os bíceps musculosos de Arnold Schwarzeneger ou a máquina destruidora de Rambo ou os 'passes' de Jean Claude Van Damme? Na primeira semana, vá lá, no primeiro mês, se têm muito boa vontade, dão-nos o benefício da dúvida e aguentam. Ao segundo mês, a menos que sejam realmente aquilo que parece pressupormos que são, retardados mentais, ou que lhes convenha aproveitarem-se de tal estatuto para arrancarem médias de acesso às Faculdades, 'partem para outra'. E nós contribuímos, com a maior paz de espírito e a consciência embotada, para aumentar o contingente dos alunos que passam pelo Latim como gatos sobre brasas ou como espectadores de filmes de classe B que não mais se lembram nem se querem rever.

Vem tudo isto a propósito de traição. É traição o que o professor faz quando empata os alunos com tais textos. O professor trata-os, como dissemos, como se fossem atrasados mentais e esse atraso fosse, no mínimo, de uns cinco ou seis anos. Além disso, um dia, mais tarde ou mais cedo (de preferência com um colega que não possa recusar o horário...), esses alunos serão confrontados com as *Tusculanae*, o *De Senectute*, ou as tragédias de Sêneca... E então, tratados até aí com paninhos quentes, e habituados, no máximo, ao cônsul que convoca as tropas *ut bellum faceret*, baralhados q.b. com umas exceçõezinhas que lhes mostrem como o Latim é qualquer coisa que só uns quantos eleitos — o mestre incluído, obviamente — conseguem compreender na totalidade, o professor torna-se responsável, de consciência tranquila e sono repousado, pelo aumento do contingente dos alunos que vão para as aulas de Latim como para uma refrega de que sabem que sairão derrotados ou terminam os estudos com a noção de que um dia precisarão do divã do psicanalista para resolver o conflito traumático.

Geram-se, além disso, casos extremos de verdadeiros adversários da permanência dos estudos clássicos nas nossas escolas. Lembremos um caso paradigmático, o de José Agostinho de Macedo. Escreveu ele: «E quando eu, pressago de futuras lágrimas, lhe pedi [ao pai] ao sair da escola, dado por pronto na leitura, fazendo arrasoadamente o meu nome, que me ensinasse a ser Pasteleiro, que era o seu ofício, respondeu que me destinava para as Letras (...), e que havia de ir para a Gramática Latina (...) chave de todas as Ciências (...). Eu fui, e ainda tenho presente o luto e a tristeza daquele infausto dia»<sup>1</sup>

O professor frustra, assim, os alunos e as suas naturais expectativas, quando lhes serve um longo aperitivo de textos adaptados de adaptações e, depois, os empanurra à força com um requintado acepipe que só os mais instruídos em etiqueta sabem comer sem fazer má figura.

Traidor é-o, também, para com a Antiguidade. Imaginemos que empregávamos o nosso segundo desejo de Aladino e conseguíamos trazer o bem amado Cícero ou o entre todos especial Vergílio de volta à vida e que os levávamos, em visita itinerante, às aulas de Latim que preferencialmente se dão por esse país fora. Que diriam ambos do *rex* que é *prudens* e do *puer a patre uocatus*? Sem entrarmos na polémica do Latim língua morta ou língua mãe, língua viva ou moribunda, quem é que hoje em dia inicia o seu estudo de Francês pelo *le tableau est noir* ou de Inglês pelo *my book is yellow*? Há textos, letras de canções que os alunos

---

1 J. Agostinho de Macedo, *Motim Literário I*.

conhecem, bandas desenhadas que adivinham, pequenas histórias que compreendem, sem se preocuparem com uma tradução minuciosa. Em Latim, se quisermos, não andaremos muito longe de o conseguirmos também.

Utilizemos por fim o terceiro desejo de Aladino e criemos por momentos uma situação extrema: daqui a vinte séculos, mercê de um cataclismo ou de um vírus que entretanto tivesse atacado toda a Literatura portuguesa, restariam nas bibliotecas de todo o mundo apenas uns quantos romances de Aquilino. Imaginemos as Antologias por que estudariam os pobres desgraçados que tivessem a nossa língua nos seus currículos e tomassem como paradigma do português falado no século XX um naco de prosa como o seguinte:

«Rubicundo, pesadão de farto, estômago bem lastrado com lombo de vinha-de-alhos, padre Jesuíno saiu a espairecer para a varanda que a aragem da serra brandamente refrescava. Manjericos e craveiros floriam dentro de velhos potes, e tão abertos, tão medrados, que do mainel transbordava para a casa e sobre o pátio uma onda álcere de primavera. Tarde de infinita benignidade (...). Mas não tardou que argoladas fortes soassem à porta e Jesuíno, em tamancos, as calças presas no abdómen por um negalho, camisa de estopa deixando espreitar pelos bofes a pelúcia de cerdo à mistura com o alcobaça vermelho, cigarro nos beiços, toda a sua pachorra eclesiástica mais rabujenta que cão mordido, foi ver»<sup>2</sup>

Imaginem que era este o texto com que os alunos se defrontavam depois de um longo 10.º ano a treinar frases da menina a passear no jardim ou a dar pão aos patos, que seria uma estrutura ótima para testar o sujeito / predicado / complemento directo / complemento indirecto... Que pensaria o aluno desse hipotético século XL? Na melhor das hipóteses, atirava-se como náufrago ao seu sucedâneo informático dos actuais dicionários, à procura de mais de 80% dos vocábulos, seria induzido em erro porque, se calhar, «alcobaça» lhe surgiria como nome de uma localidade onde se situava um mosteiro cisterciense, perder-se-ia entre o sujeito «Jesuíno» e o predicado «foi ver» várias linhas abaixo, pesquisaria em enciclopédias o que era um «negalho» ou um «mainel»... E ficaria, talvez, com a ideia de que todos os portugueses do século XX falavam e escreviam desta forma.

---

2 *Andam faunos pelos bosques.*

Entendamo-nos, então. Se não quisermos trair o que dizemos amar, não podemos adular uma língua que não falamos, inventando frases que nunca seriam ditas, textos que deturpam fatalmente o pensar, o sentir e a civilização de um povo que não podemos ressuscitar. Mas também não podemos reduzi-lo ao que escreveram e produziram uns escassíssimos 5 ou 10% de eleitos e educados criadores que usaram a sua língua com a mestria e o requinte com que Aquilino o fez na nossa terra.

Há, por isso, que encontrar um caminho, uma alternativa, como agora sói dizer-se. Democrática, claro. Constitucional, obviamente. Isto é: lá temos o programzinho para dar, mas não precisa ser da forma do costume.

No Curso Elementar de Latim que ministramos, temos alunos às centenas que entram na Faculdade sem o mínimo de dois anos de Latim que a lei supostamente exige. Paradoxo da autonomia universitária, somos obrigados a recebê-los sem as habilitações que deveriam trazer. Malhas que o império tece... mas que às vezes, muitas vezes, podem ser aproveitadas em benefício dos alunos. Num ano, pressupõe-se que devemos prepará-los de forma a terminarem a cadeira em pé de igualdade, em termos de conhecimentos, com os colegas que trazem dois e três anos de Latim do Secundário. Vemo-nos, assim, por força das circunstâncias mas sobretudo por opção irrevogável, obrigados a dispensar os *pueri* que *ludunt cum seruabus* e a não chamar *care fili* porque ele *domi non est* (não esquecer as particularidadezinhas...).

Vamos então para as *Sententiae*, de valor gnômico intemporal, autênticos pequenos textos com princípio, meio e fim, quantas e numerosas vezes com paralelo em provérbios e máximas portuguesas que o aluno usa ou já ouviu. Optamos pelos *graffiti*, sobretudo os de Pompeios, que mostram aos alunos não um distante Cícero que apura até à perfeição o *Pro Milone* mas um muito próximo ser humano que ama, sofre, insulta, denuncia, apoia ou se diverte escrevendo nas paredes da cidade o que lhe vai na alma ou lhe espicaça o coração. Escolhemos inscrições, sobretudo Epitáfios, que revelam, não um mundo soturno de morte e entes queridos e eterna saudade, mas um universo de vozes que interpela o *uiator*, por exemplo, para o avisar de que, se se sentar na erva verdejante para descansar, não deve admirar-se se uma sombra começar a falar com ele<sup>3</sup>, o eco de quem atingiu os 80 anos, comeu e bebeu quanto pôde e com grande pena do que deixou<sup>4</sup>, ou de quem morreu, jovem noiva de 16

---

3 CLE 1098.

4 CIL VI 18131.

anos, quatro dias antes do casamento<sup>5</sup>. Optamos ainda pelos Evangelhos Apócrifos e pela Vulgata, que tem, entre muitas outras, a vantagem de dar a conhecer um texto literário belíssimo e, hoje em dia, quase por completo desconhecido.

Escolhemos ainda alguns saborosos epigramas de Marcial e trechos de um também saboroso Catão, que nos dá receitas ao mesmo tempo que nos diz quanto deve comer e beber um escravo.

Não se trata, da nossa parte, de uma receita. É antes uma aposta. Uma aposta que fizemos connosco e um desafio que lançamos aos alunos. Como geralmente acontece quando a parada é alta, arriscam os mais corajosos. Se quiserem, também alguns inconscientes. Mas, como também acontece nas grandes apostas, o sabor da vitória é incomparável.

Nem todos apostam, nem todos ganham. Mas os que arriscam e se empenham em não desistir, esses, podemos garantir-vos que são, de facto, os melhores. E são justamente aqueles que, alguns meses depois, lêem Salústio e apreciam Vergílio sem grandes dissabores.

---

5 ILS 8529a.